

CURSO SUZANA LUZ

UNEMAT – 2019

Literatura

Prof. Dr. Paulo Sesar Pimentel
IFMT – Campus Cuiabá Bela Vista

RELAÇÃO DAS OBRAS:

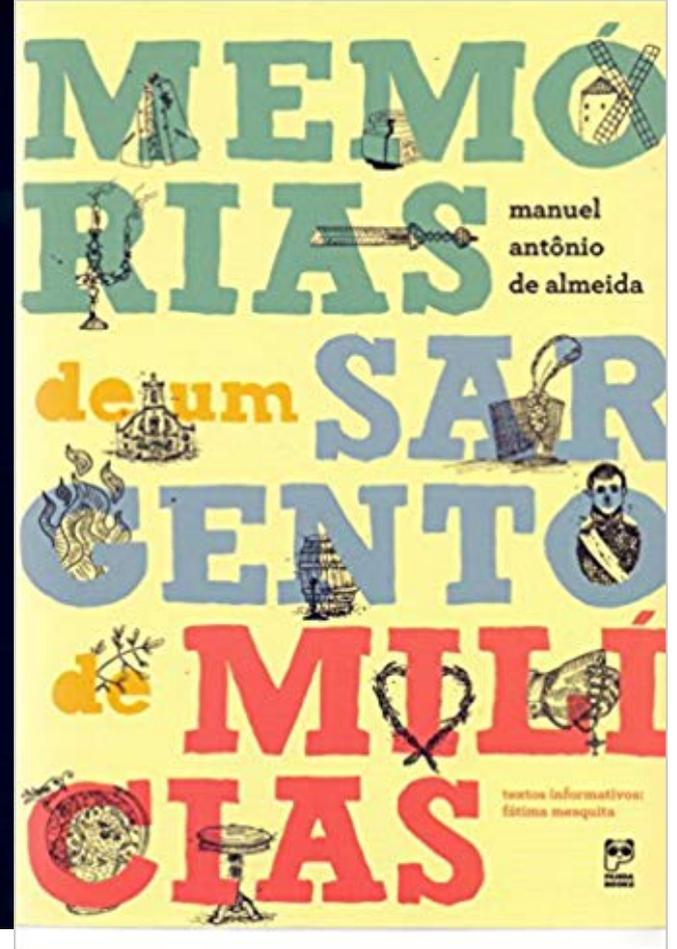
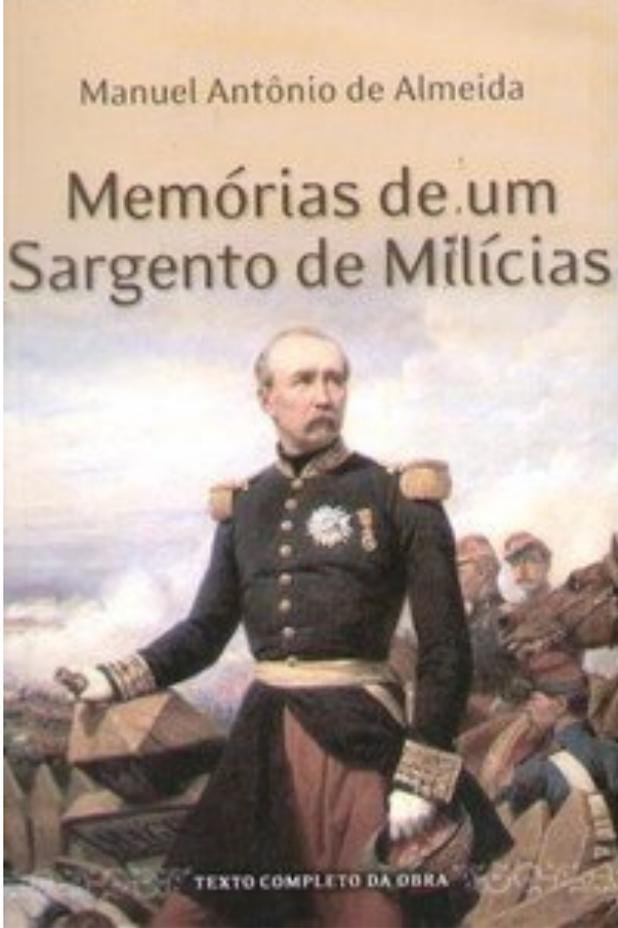
Memórias de um sargento de milícias - Manuel A. de Almeida

Memórias póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis

Arena conta Zumbi - Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

Estórias abensonhadas - Mia Couto

Dona - Luciene Carvalho



Memórias de um Sargento de Milícias
(1852/1853/1854/1855/1863)
Manuel Antônio de Almeida

Tema:

- Retrata as classes baixa, média e alta, traçando um painel da sociedade carioca do séc. XIX.
- Mostra o grupo dos portugueses que povoam o Rio de Janeiro da época, com seus costumes e peculiaridades.

Época:

romance tem início no começo do século XIX, em uma viagem de navio.

Período:

- romance se passa na época de Dom João VI

Espaço:

Apresenta-se a vida suburbana do Rio de Janeiro, os subúrbios cariocas constituem o espaço estilizado, em contraste com a vida da corte.

Linguagem:

A linguagem é popular, coloquial, mais de acordo com pessoas de nível cultural inferior, pertencente a camadas sociais simples.

Uso da linguagem conotativa ou figurada.

Metalinguagem:

Aparecem diversas explicações sobre a obra na própria obra, o que demonstra o uso da metalinguagem pelo autor.

São tentativas de explicar o porquê de se contar essa história.

Foco narrativo

O foco narrativo é em terceira pessoa, com um narrador onisciente que interfere no texto, faz observações e busca contato com o leitor (tentativa de diálogo).

Contraste:

Contraste entre posturas moralizantes e atitudes que vão contra os preceitos morais (Aristocracia vs. Populacho).

A crítica social pode ser sentida no desenvolvimento da trama.

Humor na obra

Forte presença do humor na obra. O caricatural, o que faz rir, a ironia, misturam-se em um conjunto que retrata o ridículo de diversas situações retratadas.

Tempo

Não há o predomínio da linearidade na obra, pois acontecem digressões e a quebra do enredo para comentários.

As tramas

Várias tramas desenvolvem-se ao mesmo tempo, sendo Leonardo, o personagem central, responsável por atá-las tornando-se o elo entre elas, o que permite que seja denominada também de novela.

Visão de mundo:

Distancia-se, em parte, dos modelos românticos que prevaleciam na época de sua publicação: a visão de mundo que ele expressa não é marcada por traços idealizados e sentimentalistas.

Estilo de texto:

O autor se vale de um estilo, em vários momentos, objetivo e realista, semelhante ao das crônicas históricas e de costumes.

Objetivo e realista

O autor faz questão de deixar claro:

a) a data ("Era no tempo do rei." - no caso, dom João 6^o);

b) o local ("Uma das quatro esquinas que formam as Ruas do Ouvidor e da Quitanda (...)").

Tipos populares:

O Romance focaliza, caricaturalmente, os tipos populares.

A sociedade brasileira é vista pela perspectiva dos pobres.

Obs.: Isto é o oposto do que ocorre nas obras de Joaquim Manuel de Macedo ou nos romances urbanos de José de Alencar.

- **Romance picaresco:**
- *Memórias de um Sargento de Milícias* filia-se à tradição do romance picaresco, que se origina na Espanha, com a publicação de *Lazarillo de Tormes* (1554).

A origem da expressão *picareta*

A expressão “pícaro” refere-se “àqueles que vivem de astúcias, trapaças”.

Neste sentido, origina-se um dos sentidos da palavra “picareta”.

Pícaro ou picareta

O pícaro ou picareta vale-se de expedientes excusos a fim de garantir sua sobrevivência. Apresenta, também, uma visão cínica da realidade que o cerca.

Protagonista:

Leonardo/Leonardinho (anti-herói):

Enjeitado pelos pais pouco depois do nascimento, criado pelo padrinho e, depois, pela madrinha. Possui um caráter folgado e malandro.

A história:

O romance narra as aventuras e desventuras na baixa sociedade fluminense.

Em determinado momento, o protagonista é preso pelo Major Vidigal - personagem que realmente existiu (Miguel Nunes Vidigal, chefe da Guarda Real, criada pelo rei em 1809, para policiar o Rio de Janeiro).

Vidigal:

Símbolo da repressão arbitrária e socialmente injusta.

Temido por quem, tendo ou não problemas com a lei, é pobres e não possui amizade com alguém da nobreza.

Sargento da milícia:

Por conta da intervenção da madrinha de Leonardo e de uma amiga sua (ex-amante do major Vidigal), Leonardo ingressa na milícia e é promovido ao cargo de sargento a que se refere o título.

Valor da obra:

Valor documental e sociológico;

Valor literário (Romantismo e antecipações realistas), em uma narrativa divertida e bem humorada.

Final da obra e Desdobramentos:

Ao final da obra, o que impera é a ordem sobre a desordem, fechando-se o processo de carnavalização.

Curiosidade: Leonardo foi um precursor de Macunaíma, o qual só surgiria no Modernismo.

"Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia namorando cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos".



Machado de Assis

(1839 – 1908)

FASES:

- ROMÂNTICA:

- Ressureição
- A mão e a luva
- Iaiá Garcia
- Helena

- REALISTA

- Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)
- Quincas Borba (1891)
- Dom Casmurro (1899)
- Esaú e Jacó (1904)
- Memorial de Aires (1908)

PRODUÇÃO:

ROMANCES

CONTOS

CRÔNICAS

POEMAS

PEÇAS DE TEATRO

CRÍTICA LITERÁRIA

CRÍTICA TEATRAL

CRÍTICA CULTURAL

TRADUÇÃO

PRODUÇÃO REALISTA:

CARACTERÍSTICAS

CRÍTICA AO CIENTIFICISMO:

Daí a pouco demos com uma briga de cães, fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dous. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos. . . Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

--Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo mais é grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc.

AFORISMOS:

- Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
- Matamos o tempo; o tempo nos enterra.
- Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem.
- Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros.
- Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro.
- Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar.

NARRAÇÃO EM 1ª PESSOA

NARRATIVA NÃO-LINEAR

HOMENS FRACOS

MULHERES FORTES E MÁS

ERUDITISMO E DOMÍNIO DA NORMA CULTA

ERUDITISMO,
DOMÍNIO DA NORMA CULTA
E
APARÊNCIA X ESSÊNCIA

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

(Machado de Assis, in Memórias Póstumas de Brás Cubas)

IRONIA:

“Ao verme, que primeiro roeu as frias carnes de meu cadáver, dedico como saudosa lembrança essas memórias póstumas!”

“(...) Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis (...)”

ANÁLISE PSICOLÓGICA

DIÁLOGO COM O LEITOR:

“Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem”.

NEGATIVISMO/ NIILISMO:

Capítulo CLX - Das negativas

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do *emplasto Brás Cubas*, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e directa inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de Dona Plácida, nem a semi-demência do Quincas Borba. Somadas umas cousas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e, conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: -- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma creatura o legado da nossa miséria.

INOVAÇÕES ESTILÍSTICAS:

Capítulo LV - O Velho Diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas: ?

Virgília:

Brás Cubas:

Virgília: !

Brás Cubas:

Virgília:

. ?

.

Brás Cubas:

Virgília:

Brás Cubas: !

Virgília. ?

Brás Cubas. !

Virgília. !

Capítulo CXXXIX - De como não fui ministro d'Estado

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Capítulo CXL - Que explica o anterior

HÁ COUSAS que melhor se dizem calando; tal é a matéria do capítulo anterior.



arena theatre of são paulo
arena conta zumbi

exciting musical play from brazil-with english narrative

tues 10 mar 8:20 pm
woodruff aud – ku

\$150 tickets
available at the
sua ticket office
group discounts



**ARENA
CONTA ZUMBI**

GIANFRANCESCO GUARNIERI
E AUGUSTO BOAL

Arena conta Zumbi

Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

AgipTrop

Síntese entre o teatro documentário e
o teatro de pesquisa histórica

Ganga Zumba (1962) - João Felício dos Santos

O Quilombo dos Palmares (1946) - Edison Carneiro

Boal e Guarnieri aproveitaram inúmeros materiais do noticiário (como declarações dos generais) e os transformaram em textos dos personagens históricos.

O sistema Coringa proposto por Augusto Boal pode ser explicado, de forma simplificada, como uma proposta de encenação na qual diferentes atores podem assumir um mesmo personagem.

Esta maneira de ver a atuação propõe um distanciamento do ator em relação ao personagem, já que ao poder assumir diferentes personagens, o ator não se identificaria com nenhum deles em específico.

Upa, neguinho (1965)
Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri

(...)

Upa, neguinho na estrada

Upa, pra lá e pra cá

Virge!

Que coisa mais linda!

Upa neguinho

Começando a andar

Começando a andar

Upa, neguinho na estrada

Upa, pra lá e pra cá

Virge!

Que coisa mais linda!

Upa neguinho

Começando a andar

Começando a andar

Começando a andar

E já começa apanhar

Cresce, neguinho

E me abraça

Cresce e me ensina a cantar

Eu

Vim de tanta desgraça

Mas muito te posso ensinar

Mas muito te posso ensinar

Capoeira!

Posso ensinar

Ziquizira!

Posso tirar

Valentia!

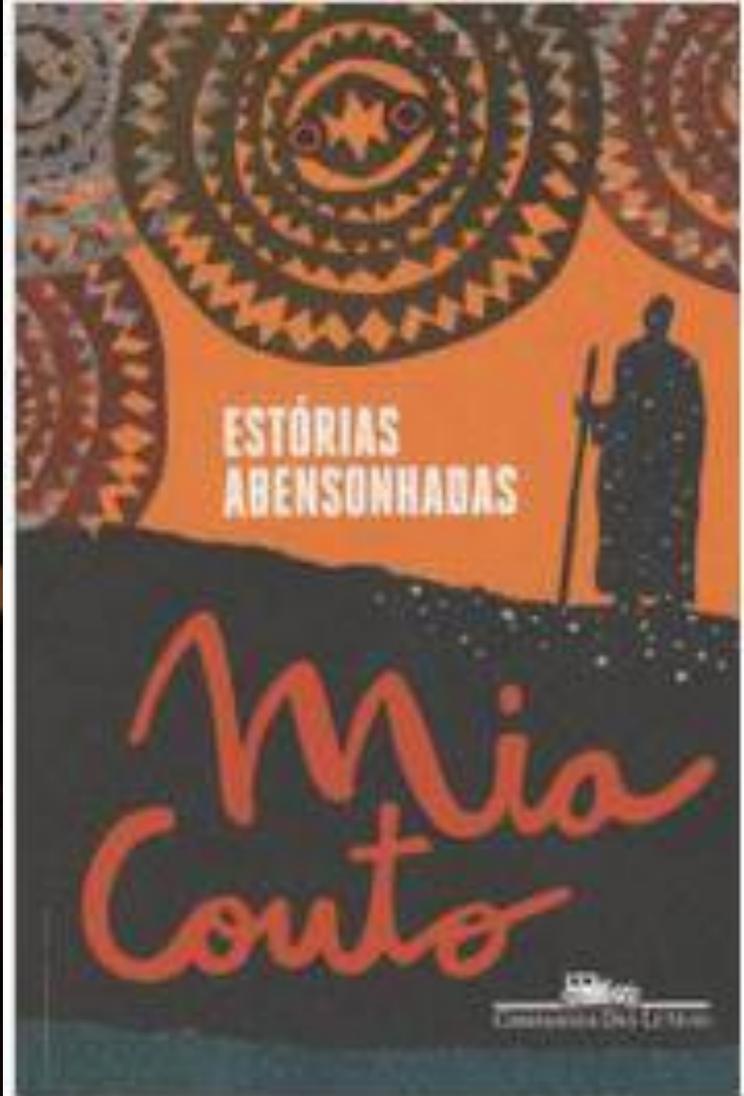
Posso emprestar

Mas liberdade

Só posso esperar...

(...)

Zambi meu pai, Zambi meu rei,
Última prece que rezou
Foi da beleza de viver, Olorum didê.
Longe, num tão longe além do mar
Meu rei guerreiro diz adeus a quem vai ficar.
Diz prá sua gente não desesperar,
Zambi morreu, se foi,
mas vai voltar em cada negrinho que chorar.



ESTÓRIAS ABENSONHADAS

Mia Couto

Contexto: pós-guerra

Composição: 26 Contos

Temas: amor, traição, casamento, raiva, nascimento, saudade, educação, violência.

Ano de Publicação: 1994

Prefácio

(...)

Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta.

Literatura Fantástica:

Gabriel García Marquez;
Guimarães Rosa;
Manoel de Barros;
Mia Couto recria.

*Recriação da realidade ressaltando situações com tons de magia.

*Nada é banal.

*Situações fantásticas em linguagem de ruptura.

* Livro formado por figuras como o **sangue** e a **guerra**, elementos de histórias de recomeço e iluminações.

* As narrativas tratam as personagens como se elas estivessem aprendendo a ver a luz novamente.

* Processo de contínua reconstrução de suas rotinas.

Nas Águas do Tempo, o/a leitor/leitora é apresentado à magia do relato. Destaca-se a importância da figura do avô, um símbolo do contador de histórias.

O avô conduz o neto para que ele veja além de um lado do rio, visitado todos os dias, com os fantasmas da guerra ainda circulando pela região. Eles devem ser respeitados.

Há a presença maciça da mitologia da região, representada por figuras e palavras típicas da oralidade e transformadas em estilo por Mia Couto.

“No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levei lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos”. (p.13)

Em outros contos, como em **O Cego Estrelinho**, é a força da palavra que recria imagens nunca vistas.

Com refinada sensibilidade, as personagens têm nomes sugestivos, como é o caso de Estrelinho que, orientado pelas mãos de Gigitto, é apresentado a um mundo fantástico.

Quando Gigitto é convocado à guerra – “matadora de esperanças e cores” – o cego passa a ser orientado pela irmã, a Infelizmina que não vê nada demais no mundo ali fora.

“O erro da pessoa é pensar que os silêncios são todos iguais. Enquanto não: há distintas qualidades de silêncio. É assim o escuro, este nada apagado que estes meus olhos tocam: cada um é um, desbotado à sua maneira. Entende, mano Gigito?” (p.23)

Em **Estórias Abensonhadas**, as personagens possuem pares: estes contrabalançam a falta de esperança.

Duas pessoas são capazes de iniciar uma guerra (**A Guerra dos Palhaços**): dois palhaços brincantes, numa acalorada discussão, começam uma guerra entre os espectadores que tentam interpretar a cena. Texto curto, mas repleto de alegorias sobre a estupidez de um conflito.

Partes:

1ª: Espelho

2ª: Caixa de Pandora

3ª: Chave

4ª: Semáforo

5ª: Mandala

NADA NÃO

Moça, se eu te contasse
como é que me percebo
face a face,
talvez abalasse
sua estrutura.
Sei que você
anda ocupada com musculatura,
com a faculdade,
pra fazer figura.
Mas moça,
se você parasse
e me ouvisse
um pouco,
veria que o mundo

é um tanto louco
que nem tudo anda
como o projetado.
Bobagem!
Esquece o que eu disse,
siga seu caminho,
faça maquiagem,
pós-graduação:
marque seu noivado,
marque uma massagem,
esqueça o que eu disse
não é nada não.

(p. 30)

MENOS EU

Menos eu

Que temi todos o medos que pude

Não alardeei ser um poço de virtude

Menos eu

Menos eu

Que não me dei por exemplo

Não bato no peito dentro de um templo

Menos eu

Menos eu

Que não formei uma belíssima família

Que não pensei ser hora de trocar mobília

Menos eu

Menos eu

Que não fui comprar roupa para espantar o tédio

Que não consumi como forma de remédio

Menos eu

Menos eu

Que não escondi por trás da educação os defeitos

Que não tenho nada que seja perfeito

Menos eu

Menos eu

Que tive que entrar em mim pra muito além da sala

Que tenho uma história que espanta e abala

Menos eu

(p. 46)

IRINEIA NA JANELA

(Para Lucinda Persona)

Morava perto daquela estação de trem

Irineia –

15 anos e alguns dias.

Um dia acordou assim:

“Meu amado, meu amado,
é pelo trem que ele vem...”.

Pôs vestido,

deixou solto o cabelo,

recostou-se na janela,

olhou os trilhos,

olhou para sua mãe

e perguntou pra ela:

“Será que hoje ele vem?”.

Ouviu o apito do trem.

Sua mãe, recém-viúva,

agasalhada no medo,

respondeu: “Ainda é cedo...”.

Irineia, 17,

todo dia a mesma ideia

com o apito do trem:

“Será que ele vem?

Será que ele vem?”.

Fez trança

e da janela

perguntou para a mãe dela

viúva e muito triste:

“Será que ele vem?

Será que ele existe?”.

A mãe, como num segredo,

sussurrou: “ainda é cedo”.

Irineia, 20 anos,
todo dia
na janela em romaria
soltava um pequeno grito
quando escutava o apito:
“Ah! Meu amado!”
E imaginava:
Será que ele vem?
Será que é bonito?
Dizia para sua mãe:
“Às vezes, nem acredito...”.
Sua mãe sentia pena
e respondia:
“Vou lhe fazer um vestido!”

Irineia, 32,
já se tornara mulher,
se colocava à janela
de forma um tanto discreta
pensando:
“Será que ele não me quer?”.
Sua mãe, após o apito,
dizia: “Eu acredito.
Se hoje ele não vier,
então ele vem depois”.

Irineia, 40 e poucos,
corpo já quase louco
gritando ao ouvir o barulho
do trem passando no trilho:
“Será
que só nunca ele virá?”
E perguntava pra mãe:
“É pra isso que nasci,
pra ficar encalhada?”.
A mãe ficava calada.

Irineia fez 50.
Sua alma já não aguenta
o trem,
a espera,
a ilusão.
Olha pra mãe
como pra sua prisão.
A janela fica aberta...
ao eterno do apito;
só seu peito ainda aperta.
Sua mãe então lhe diz:
“Sei que você não é feliz.
Mas, se ele vier lhe buscar,
quem então vai me cuidar?”.

Irineia fez 60.
Sua mãe morreu,
foi um choque.
Ela, sentada na cama,
fez um terço,
fez um coque;
já não era sentinela,
já não pensava no trem.
Ela fechou a janela,
ela sabe: ninguém vem.

(p. 62)